

## INDÍCIOS DE LEITURA E LEITORES DA *REVUE* E DO *ANNUAIRE DES DEUX MONDES* NO BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Katia Aily Franco de CAMARGO <sup>1</sup>

### Resumo:

O presente artigo procura demonstrar a importância da leitura do periódico parisiense, *Revue des Deux Mondes* e de seu *Annuaire des Deux Mondes*, no Brasil oitocentista. Para tanto, partimos de um breve histórico, da apresentação dos textos publicados sobre o Brasil nesse periódico, principalmente durante a segunda metade do século XIX, e da repercussão que esses textos tiveram deste lado do Atlântico, contribuindo, por meio das reações dos leitores para se pensar a questão da identidade nacional.

**Palavras-chave:** História da leitura; *Annuaire des deux Mondes*; *Revue des Deux Mondes*.

### Abstract:

The purpose of this article is to demonstrate the importance the reading of the *Revue* and of the *Annuaire des Deux Mondes* had in Brazil. For such, we started with a brief historical presentation of some articles published on this periodical during the 19th century, and proceeded to a discussion of how they were received by Brazilian readers. The main focus of the article lies, however, on the contributions the reading of the *Revue* and of the *Annuaire* has brought about to the issue of Brazilian identity.

**Key-words:** History of reading; *Annuaire des Deux Mondes*; *Revue des Deux Mondes*.

O primeiro número da *Revue des Deux Mondes*, em formato in-8º, continha 128 páginas. Sobre sua capa, de uma cor salmão pastel, sobressaía o título principal. Na contracapa, encontrava-se impresso o preço da assinatura: 44 francos para Paris, cinquenta para as cidades do interior, 55 para localidades estrangeiras e duas libras esterlinas e oito xelins para a cidade de Londres. Previa-se uma publicação mensal, sendo que a cada três se formaria um volume de 340 a quatrocentas páginas.

Nesse primeiro exemplar, encontra-se também o prospecto da *Revue*, no qual se evidencia a preocupação do corpo editorial em esclarecer o público leitor francês sobre questões de política, história contemporânea e acontecimentos internacionais. Ela era

---

<sup>1</sup> Professora associada do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

anunciada, portanto no final da Restauração, como um periódico de reportagem política, prático, realista, liberal e independente.

Ao longo de todo o século XIX, a *Revue* publicou 11.892 artigos. Desse montante, aproximadamente 4% tratam da região do Novo Mundo. Desses 510 artigos indexados na *Table de matière*, somente trinta, ou seja, 0,6%, fazem parte da rubrica Brasil, que se encontra aí separada daquela das Repúblicas da América do Sul. Portanto, em termos de representatividade quantitativa do Brasil nesse periódico, ela é pequena, mas não insignificante.

Os artigos sobre nosso país, cerca de quarenta, foram escritos por autores de notoriedade bastante variada. A partir dos anos de 1850, soma-se a esses escritos, uma série de referências ao Brasil inseridas no *Annuaire des Deux Mondes*, redigidas por Charles de Mazade, como veremos mais adiante. Os anos inaugurais da *Revue*, isto é, 1829 e 1830, destacam-se dos demais por incluírem textos não assinados, os quais acreditamos terem sido redigidos por um correspondente brasileiro, e traduções de um relato de viagem escrito por um oficial inglês e publicado no periódico *The New Monthly Review*. A partir de 1831, no entanto, quando a *Revue des Deux Mondes* passa a ser dirigida por François Buloz, considerado seu grande fundador, ela adquire nova feição, a começar pela sua capa, a qual buscava dar ênfase à relação entre os dois mundos: o velho e o novo; o civilizado e o selvagem. Os trabalhos aí inseridos também se modificaram, ganhando em extensão e conteúdo. Dentre os autores desse período, que se estende até 1893, alguns vieram para cá a trabalho ou em viagens científicas, como Auguste de Saint-Hilaire, Théodore Lacordaire, Francis de Castelnau, Élisée Reclus e Adolphe d'Assier, enquanto outros partiram da França por causa de suas atividades profissionais como Ferdinand Denis, ou simplesmente para complementar seus conhecimentos, como L. de Chavagnes, cujo artigo teve grande repercussão no Brasil, como veremos mais adiante, destacando-se textos em resposta publicados, dentre os veículos da imprensa, na revista *Minerva Brasiliense*. Dois brasileiros também faziam parte desse rol de publicistas: Émile Adêt, francês naturalizado brasileiro, redator-chefe do *Jornal do Comércio* além de colaborar com outros periódicos nacionais, e Pereira da Silva, político e homem de letras, os quais procuraram “corrigir” as imagens propagadas até aquele momento sobre a terra e a gente brasileiras.

Agentes da intermediação entre os dois mundos, todos esses autores, sem exceção, tinham como objetivo maior, discorrer sobre o estágio civilizatório do Brasil. Para tanto, baseavam-se em suas experiências ou numa bibliografia existente a respeito, apesar de ser escasso o número de referências por eles citado. Nos artigos aparecem descrições detalhadas da fauna ou da flora, principalmente quando se trata de algo que não constava dos conhecimentos anteriormente adquiridos, pois têm grande interesse em comprovar, aumentar ou esclarecer, sempre dentro do procedimento científico, aquilo que seus autores leram ou ouviram.

Segundo Márcia Naxara (2004), a intenção da descrição "verdadeira", do olhar "neutro", característica de todo viajante naturalista ou não, impregna-se do desejo tanto de cientificidade como da transcrição fiel, objetiva, da realidade vista e vivida, despida de qualquer intenção que escape à reprodução fidedigna do real. Tal descrição, tem como objetivo mostrar ao leitor aquilo que é "real", propiciando-lhe certa acumulação de conhecimento.

Nesses artigos, encontra-se uma profusão de imagens do Brasil que não divergem de todo das representações comumente elaboradas sobre nosso país durante o século XIX e que têm sido bastante estudada pela historiografia recente dedicada, principalmente, aos relatos

de viagens<sup>2</sup>. Elas adquirem, no entanto, um sentido especial ao serem analisadas como fazendo parte do suporte impresso no qual se inserem, a *Revue*, com ênfase, sobretudo, em seu viés ideológico.

Até os anos de 1870, a *Revue des Deux Mondes* teve que lutar para manter sua liberdade editorial. Por esse motivo, opôs-se, muitas vezes, ao poder; mas, ao mesmo tempo, estava imersa na paisagem ideológica conservadora dominante. Foi essa adesão a um bloco ideológico conservador e não à ligação a partidos políticos que lhe facultou/possibilitou certa liberdade editorial. Também, nesse período, o espaço público para os periódicos e para as atividades políticas continuava bastante restrito. No entanto, a influência editorial da *Revue* ultrapassava os contornos habituais de uma simples revista da época. A emergência do grande espaço público, isto é, do espaço liberal e democrático, surge nos anos de 1880, como obra da República, e mudará consideravelmente o ambiente da *Revue*. Principalmente devido ao crescimento das publicações periódicas e por causa da proliferação das revistas parisienses ou provinciais, entre os anos de 1880 e 1890. Tal modificação do espaço público veio acompanhada de certa alteração da cultura dominante e de uma mudança do clima ideológico da França.

A geração republicana que assumia progressivamente as responsabilidades nacionais havia sido formada em um meio intelectual sensivelmente diverso daquele produzido pela *Revue des Deux Mondes*, de modo que uma defasagem complexa se estabeleceu entre esta última e a República (LOUÉ 1998, p. 398-399).

Nesse sentido, a continuidade conservadora e monárquica brasileira criou um elo entre o Brasil e a *Revue des Deux Mondes* que possibilita uma melhor compreensão das imagens elaboradas por seus autores. Essa ideia de continuidade monárquica, de identificação com o Império do Brasil, pode ser verificada no texto de Charles de Mazade citado adiante.

Única monarquia do Novo Mundo, o Império do Brasil aparecia como o representante americano da forma de governo a que muitos autores da revista ainda se apegavam. Assim, Dom Pedro II era frequentemente associado à ideia de justiça, ordem, paz e equilíbrio, conceitos preciosos aos partidários de uma ideologia conservadora.

### **O *Annuaire des Deux Mondes*: 1850-1865**

A partir dos anos de 1850, soma-se à volumosa *Revue o Annuaire des Deux Mondes*,<sup>3</sup> publicação complementar, espécie de bônus ao assinante da edição parisiense, rico em ilustrações e mapas que visava, dentre outras coisas, dificultar a contrafação da *Revue des Deux Mondes*<sup>4</sup> existente na Bélgica desde, praticamente, sua criação.

---

<sup>2</sup> Cf. por exemplo CARELLI, 1993; SUSSEKIND, 1993; BELLUZO, 1999 e BRZOWSKI, 2001.

<sup>3</sup> O *Annuaire des Deux Mondes* assim como a *Revue des Deux Mondes* podem ser consultados, praticamente em sua íntegra nos seguintes sites: [www.revuedesdeuxmondes.fr](http://www.revuedesdeuxmondes.fr) e [www.gallica.bnf.fr](http://www.gallica.bnf.fr).

<sup>4</sup> Sobre essa questão cf. Manoela DOMINGUES, 1985, p. 164, quando a autora disserta sobre as vantagens dos livros serem publicados na Bélgica: 1. em geral custam metade do preço; 2. são tipograficamente superiores; 3. são mais compactos, etc. A contrafação belga deixa de existir após tratado firmado entre França e Bélgica (1852) e a lei dele resultante (1854) que normatiza a questão dos direitos autorais. Honoré de Balzac foi um grande defensor dessa questão. Cf. sobre a questão da contrafação belga: ROBIN, 1844, p. 204-239; LAMBERT, 2003; Frédéric POLLAUD-DULIAN, 2003, p. 197-223.

Os belgas costumavam reeditar publicações francesas em papel mais barato e com qualidade inferior de impressão, sendo o conteúdo, no entanto, praticamente o mesmo. Dessa maneira, a versão belga da *Revue* era vendida a preço inferior, usurpando, assim, grande parte do mercado da *Revue des Deux Mondes* parisiense. Um número considerável das coleções da *Revue* existentes no Brasil era pirateado e impresso em Bruxelas, como, por exemplo, os exemplares presentes na Biblioteca Fluminense e na Faculdade de Direito, em São Paulo. Uma advertência interessante a esse respeito pode ser lida em anúncio publicado no *Jornal do Comércio* em 28 de março de 1851: “N.B. Se pessoas pouco escrupulosas venderem no Brasil, como edição original de Paris, uma contrafacção [sic] incompleta da Revista, o Anuario [sic] publicado pela direção de Paris servirá para distinguir a edição real [que] é incomparavelmente superior da dita direção”.

Pela leitura do “Prefácio” do *Annuaire* de 1850 constatamos algumas das razões “oficiais” pelas quais fora criado esse suplemento, seus objetivos e os sacrifícios que foram feitos para trazer a lume obra tão volumosa. O *Annuaire*, que era histórico, político e literário, tinha por objetivo principal estabelecer, juntamente com a *Revue*, uma coleção anual de documentos e de fatos próprios à história dos diversos países ativos no mundo. Um quadro variado, desenvolvendo-se em uma ordem extraída da própria natureza dos conflitos daquele período. Esta ordem, os editores acreditam tê-la encontrado em uma ideia ao mesmo tempo simples e complexa, e que tende, a cada dia, a ganhar peso em política, a saber, a divisão por raças<sup>5</sup>.

O *Annuaire des Deux Mondes* foi publicado de 1850 a 1865, em formato in-8º, e continha cerca de 1200 páginas, incluindo o apêndice, este, por sua vez, composto por compilação de documentos oficiais. O anuário podia ser adquirido em inúmeros países, inclusive no Brasil, segundo consta de lista publicada na última página de cada um de seus volumes. No Brasil, era vendido no Rio de Janeiro, primeiramente na loja Avrial Frères, em seguida na Garnier, Morizot e, em 1865, também em Pernambuco na De Lailhacar et Co. (TABELA 1). Em 28 de março de 1851, o *Jornal do Comércio* publica, em nome dos Irmãos Firmin Didot, um grande anúncio divulgando a *Revue des Deux Mondes*, as modificações que ela traria para o próximo ano e o grande presente que oferecia, gratuitamente, a seus assinantes. O anúncio explica, com minúcia, aquilo em que consistiria o Anuário e o público que se esperava atingir.

<sup>5</sup> “Notre pensée, en essayant de fonder sur un plan nouveau un *Annuaire* historique, politique et littéraire, serait d'établir ici, à côté de la *Revue des Deux Mondes*, des annales contemporaines, — un recueil qui résumerait chaque année les documens et les faits propres à l'histoire des divers pays ayant un rôle actif dans le monde. Il nous a paru que des archives où, à côté du récit et de l'appréciation des événemens, on pourrait trouver, dans un ensemble clair et méthodique, le régime politique et administratif de chaque état, sa constitution, son budget et ses ressources financières, ses forces militaires et maritimes, son mouvement intellectuel, la situation de son commerce et de son industrie; il nous a paru, disons-nous, qu'une publication semblable ne serait pas sans quelque importance. Ce serait, si l'on nous passe le terme, une grande enquête toujours ouverte sur les intérêts contemporains, et où viendraient se refléter chaque année les luttes, les efforts, les progrès ou les pertes des peuples qui se disputent la prépondérance politique et commerciale. C'est cette pensée qui a produit le livre que nous publions aujourd'hui.

[...] Ce que nous nous proposons de faire en outre, ce n'était point une série de notices juxtaposées au hasard; c'était un tableau animé et varié, se déroulant dans un ordre tiré de la nature même des luttes actuelles du monde. Cet ordre, nous avons cru le trouver dans une idée simple et élevée à la fois, qui tend de plus en plus chaque jour à obtenir de la considération en politique, — **dans les divisions par race**[grifo nosso], — et nous en faisons honneur au principal rédacteur de cette publication, M. H. Desprez... » Trechos do Préface escrito por François Buloz em 1850.

A *Revista dos Dous Mundos*, cuja redacção está confiada a escriptores os mais influentes da França e da Europa, e que publicou trabalhos tão notáveis no decurso do anno de 1850, promete a seus leitores novos e importantes melhoramentos, e, sobretudo, aumento considerável nas matérias que devem compor o seu quadro no corrente anno.

Além dos 24 folhetos que ella publica anualmente, e que reunidos completão um grosso volume em 8°. de perto de 5,000 páginas, a *Revista* dará gratuitamente a seus subscriptores a seguinte obra:

Annuario: histórico-político-litterário e estatístico, ornado de retratos e gravuras, com mais de 700 páginas em 8°, a qual conterà:

1. A história das revoluções de 1818 a 1839 com texto e exame das constituições por ellas creadas ou modificadas;
2. A história dos diferentes Estados depois destas revoluções;
3. A história de cada paiz de cada um dos respectivos governos durante o anno de 1850, abrangendo a sua marcha política, industrial e literária, um resumo das descobertas das sciencias no mesmo anno;
4. A história da diplomacia nesse anno [...]

Este volume, segundo esperamos, é destinado a produzir um grande efeito pela muita utilidade e interesse que ha de oferecer ás pessoas ilustradas, que se dedicação ao estudo da política, da administração, [ilegível] e da indústria. Julgamos não emitir um juízo temerário, assegurando que este precioso volume se tornará indispensável a todos os Brasileiros que quizerem estar ao alcance da marcha dos acontecimentos políticos da Europa...<sup>6</sup>

A repercussão do *Annuaire* e, conseqüentemente, da *Revue* pelo mundo pode ser verificada pela leitura do parágrafo que segue, também escrito por François Buloz, em 1852. Nele encontramos indícios da presença e, porque não, da leitura do suplemento na Alemanha, na América do Sul e na Índia. Outra questão interessante presente neste parágrafo é a menção à tradução de partes do *Annuaire*, principalmente daquelas que discorrem sobre a situação do Novo Mundo e da América do Sul, por periódicos sul-americanos, mas também europeus.

[...] En Allemagne, on s'est occupé de traduire certaines portions de l'*Annuaire* de 1850, notamment celles qui concernent le Nouveau-Monde, où s'agitent tant d'intérêts, et dont la situation réelle est toujours si peu connue. Dans l'Amérique du Sud, les journaux de tous les pays ont publié une série complète d'études sur ces républiques, qui n'étaient autre que le texte même de l'*Annuaire* sur leur propre histoire; enfin, jusqu'au fond de l'Inde, dans une séance solennelle de l'Institut d'Elphinstone, l'*Annuaire* de 1850 a eu bonne fortune d'être cité pour son impartialité, la justesse de ses informations et une connaissance des faits qu'on déclarait ne point trouver à un égal degré dans d'autres publications de l'Inde ou même d'Angleterre.... (1852, p. VI)

Constata-se que a “Table Générale da *Revue des Deux Mondes*” era organizada de maneira diferente da “Table de Matières” do *Annuaire*.

Assim, a “Table Général da *Revue des Deux Mondes*” era organizada em:

1) Índice alfabético de autor: continha o nome de todos os autores que escreveram nesse período, seguido do título de seus artigos. Esses, por sua vez, eram distribuídos, segundo os temas abordados, entre diversos itens: Literatura, Belas-Artes, Política etc.;

<sup>6</sup>Foi mantida grafia original.

2) Índice analítico: organizava os artigos por ordem de assunto;

3) Índice geográfico de países e personagens estrangeiros: continha, para cada país, com exceção da França, a indicação dos artigos, de toda natureza, a ele referentes;

Enquanto a “Table de Matière” do *Annuaire des Deux Mondes* possuía seu conteúdo organizado em “Livros”, estes, por sua vez, eram organizados em “raças”: latina, anglo-americana, hispano-americana, etc.

Diante da emergência dos novos Estados-Nação saídos das antigas colônias europeias nas Américas (séculos XVIII e XIX), a tradicional classificação dos países de início do século XIX sofre alterações. Esse fato conduziu o *Annuaire des Deux Mondes* a utilizar um conceito de raça a título eminentemente classificatório, no sentido de regionalizar o sentido de cultura com embasamento geográfico.

Em 1875, em outro contexto histórico, quando essa problemática já estava mais superada, o *Grand Larousse du XIX<sup>ème</sup>. siècle* registra uma definição mais étnica de raça, utilizando de um aparato alegadamente científico: ascendentes e descendentes originários de uma mesma família ou de um mesmo povo; variedade da espécie humana que se perpetua por meio da geração<sup>7</sup>.

Podemos, portanto, observar a noção de classificação de raça adotada na reprodução da “Table de Matières” do volume de 1851:

#### INTRODUCTION

Les cabinets et les influences internationales en 1851

HISTOIRE DES ÉTATS EUROPÉENS - LIVRE PREMIER - RACE LATINE - LA FRANCE;  
LA BELGIQUE  
LA SUISSE  
LA SARDAIGNE  
TOSCANE - PARME ET MODÈNE  
ÉTATS-ROMAINS  
LES DEUX-SICILES  
L'ESPAGNE  
PORTUGAL

LIVRE DEUXIÈME - RACE ANGLO-SAXONNE - LA GRANDE-BRETAGNE

LIVRE TROISIÈME - RACE SCANDINAVE - SUÈDE ET NORVÈGE  
LE DANEMARK

<sup>7</sup>. Cf. <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k205365n.r=.langFR>>acesso em 30/07/2012.

“É somente com a publicação e divulgação de *A origem das espécies*, em 1859, que o embate entre poligenistas e monogenistas tende a amenizar-se. [...] De um lado, monogenistas como Quatrefage e Agassiz, satisfeitos com o suposto evolucionista da origem una da humanidade, continuaram a hierarquizar raças e povos, em função de seus diferentes níveis mentais e morais. De outro lado, porém, cientistas poligenistas, ao mesmo tempo que admitiam a existência de ancestrais comuns na pré-história, afirmavam que as espécies humanas tinham se separado havia tempo suficiente para configurarem heranças e aptidões diversas. A novidade estava, dessa forma, não só no fato de as duas interpretações assumirem o modelo evolucionista como em atribuírem ao conceito de raça uma conotação bastante original, que escapa da biologia para adentrar questões de cunho político e cultural.” Cf. SCHWARCZ, 2002, p. 55.

Conferir também citação anterior, referente ao “Préface”, quando Buloz enfatiza a abordagem *racial* do *Annuaire*.

LIVRE QUATRIÈME - RACE GERMANIQUE - LES PAYS-BAS  
ALLEMAGNE  
ÉTATS SECONDAIRES ET PETITS ÉTATS DE L'ALLEMAGNE  
LA PRUSSE  
L'AUTRICHE

LIVRE CINQUIÈME - RACE SLAVE - LA RUSSIE  
LA GRÈCE

HISTOIRE DES ÉTATS AMÉRICAINS - LIVRE SEPTIÈME - RACE ANGLO-AMÉRICAINNE - ÉTATS-UNIS

LIVRE HUITIÈME - RACE HISPANO-AMÉRICAINNE - MEXIQUE  
AMÉRIQUE CENTRALE  
Guatemala - Costa-Rica - Nicaragua - Hondur  
LE VENEZUELA  
LA NOUVELLE-GRENADE  
L'ÉQUATEUR  
LE PÉROU  
LA BOLIVIE  
LE CHILI  
LES ÉTATS DE LA PLATA  
La Confédération Argentine - La République Orientale de l'Uruguay - Le Paraguay  
LE BRÉSIL  
HAITI

LIVRE NEUVIÈME - RACES DIVERSES - AFRIQUE ET ASIE  
La lutte de la barbarie et de la civilisation  
Maroc  
Perse  
Empire Birman  
Siam  
Cochinchine  
Chine  
Japon

APPENDICE

O Brasil faz parte, portanto, do “Livro Huitième”, destinado à raça hispano-americana. Nos quinze anos de existência do *Annuaire* quase não houve modificação na apresentação de seu conteúdo. O volume de 1850 possuía um Livro a mais - “Les grandes puissances”-, inserido logo no início do anuário, mas que fora suprimido a partir do volume seguinte, permanecendo apenas a subdivisão por raças.

Charles de Mazade, que entrou para a *Revue* graças à amizade de Saint-Beuve em 1845, é o responsável pela rubrica “Brésil” que contém cerca de dez páginas<sup>8</sup>. O conteúdo

<sup>8</sup> “Parmi ceux qu’il nous est loisible de nommer, nous citerons naturellement M. H. Desprez, qui s’est chargé de la parti la plus considérable de l’histoire de l’Europe en 1851. M. Ch. De Mazade nous a retracé le tableau de l’Espagne et de l’Amérique du Sud...” Cf. *ANNUAIRE DES DEUX MONDES*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1852, p. VI-VII.

Charles de Mazade nasceu em Castel-Sarrazin (Tarn-et-Garonne) em 19 de março de 1820. Filho de magistrado, estudou Direito em Toulouse. Mudou-se para Paris em 1841. Iniciou sua carreira de homem de letras escrevendo um volume de odes, que não teve sucesso. Crítico e poeta, colaborou com vários periódicos, iniciando com *La Presse*, em seguida com a *Revue de Paris* e, finalmente, com a *Revue des Deux Mondes*. Em 7 de dezembro de 1882 torna-se membro da Academia. Morre em 19 de abril de 1893. Cf. <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k205362h/f1390.image.r=%22Charles+de+MAZADE%22.langFR>> acesso em 30/07/2012.

ai presente se distingue ligeiramente daquele publicado na *Revue des Deux Mondes*; a ideia de fundo, no entanto, continua a mesma: um país grandioso por seus recursos naturais mas com lacunas desproporcionais no que tange a seu estado civilizatório.

Le Brésil garde dans son existence un double caractère qui se dévoile à travers les événemens de tous les jours et qui fait son originalité politique. Il est sans doute américain, et grandement américain, par sa population, par la nature de ses ressources et de son développement, par les lacunes d'une civilisation si disproportionnée avec l'immensité du pays, en un mot par tout ce qu'il possède comme par tout ce qui lui manque. En même temps, de tous les états du Nouveau-Monde c'est celui qui se rapproche le plus de l'Europe par ses habitudes de gouvernement, par l'extérieur officiel de sa vie, par son aptitude politique. Le Brésil, c'est assurément son honneur et sa force, ne va pas de révolution en révolution; il a une marche suivie, des affaires régulières dans leur ensemble, surtout des relations diplomatiques généralement conduites avec habileté et des hommes d'état capables qui exercent alternativement le pouvoir sous la prudente direction d'un souverain plein de zèle et de circonspection, ayant toute la bonne volonté possible de bien faire. De là vient que, si dans ce jeune empire il y a des crises politiques, il n'y a point de commotions sérieuses; si l'on rencontre toutes les incohérences inévitables dans un état de civilisation encore si imparfait, ces incohérences ne se compliquent pas du moins du mouvement de toutes les passions acharnées à bouleverser le pays dès longtemps pacifié. (1859, p. 909)

A ênfase é dada à situação política e econômica, como já havia anunciado Buloz em seu “Prefácio” (conferir citação acima), e, principalmente, nos caminhos a serem seguidos para se civilizar o Brasil, isto é, como colonizá-lo por meio da imigração. Assunto este já abordado pela *Revue des Deux Mondes* e mais bem estudado em Camargo (2007).

Segue amostragem dos assuntos abordados na rubrica “Brésil” do *Annuaire des Deux Mondes*:

Situation du Brésil depuis l'indépendance jusqu'en 1850; Mouvement des partis; Politique du cabinet actuel; Statistique politique, intellectuelle et industrielle; Constitution du Brésil; Finances; Dette publique; Organisation judiciaire; Institutions de bienfaisance; Culte; Littérature et journaux; Industrie et commerce. (1850, p.1087-1105)

Session législative et discussion de l'adresse; Intervention dans la Plata; Différend avec la France; Question de la traite des noirs; Loi du 4 septembre 1850; Difficultés avec l'Angleterre et menaces de rupture; Loi sur la colonisation; Les immigrations au Brésil; Commerce, finances et travaux publics; Loi sur l'instruction publique; Littérature et publications modernes (1852, p. 882-894)

Situation de l'empire brésilien en 1852; Rôle du Brésil dans l'Amérique du Sud; Politique du ministère actuel; Session législative de 1852; Modifications ministérielles; Élections générales de 1852; État de la colonisation; Traité avec le Pérou et concession de la navigation à vapeur du Marañon; Travaux publics, commerce et finances; Conclusion. (1853, p. 836-847)

Le Brésil en 1862 et 1863; Le parlement et les partis; Le cabinet du marquis de Caxias et sa chute; Le ministère du marquis d'Olinda; Querelle avec l'Angleterre au sujet du navire le *Prince-de-Galles* et des officiers de la frégate la *Forte*; Ultimatum du gouvernement anglais; Embargo sur les navires brésiliens; Excitation nationale au Brésil; Ouverture de la session de 1863 et dissolution de la chambre élective; Suite de l'affaire avec l'Angleterre; Interruption des rapports diplomatiques; Élections générales; Ouverture des chambres en 1864; Chute du cabinet d'Olinda et formation du ministère Zacarias; Finances (1862, p. 918-929)

TABELA 1 – Descrição sumária do *Annuaire des Deux Mondes*, indicando ano de publicação; número total de páginas e de livros; número de páginas dedicado à raça hispano-americana; número de páginas sobre o Brasil e locais de distribuição no Brasil

Ano	Total de páginas	Quantidade de livros	Livro Race Hispano-Americaine	Páginas Livro Race Hispano-Americaine	Páginas Brasil	Distribuição no Brasil
1850	1162	10	9	884-1117	1087-1104	RJ, Chez Avrial frères, Belin-Leprieur
1851	996	9	8	803-904	882-894	RJ, Chez Avrial frères, Belin-Leprieur
1853	944 + 48p de índice da RDM	9	8	744-851	836-847	
1854	956	9	8	771-876	867-876	RJ, Chez Avrial frères, Belin-Leprieur
1855	938	9	8	840-848	747-848	
1856	972	9	8	771-881	865-872	
1857	955	9	8	776-885	867-877	RJ, Morizot. Garnier
1858	956	9	8	784-881	867-875	RJ, Morizot. Garnier
1859	1044	9	8	829-931	909-916	RJ, Morizot. Garnier
1860	804	9	8	627-715	707-711	RJ, Morizot. Garnier
1861	828	9	8	694-775	766-771	RJ, Morizot. Garnier
1862	1018	9	8	812-932	918-929	RJ, Morizot. Garnier
1864	1004	9	8	789-919	900-911	RJ, Ure. Garnier
1865	843	9	8	677-768	756-763	RJ, B.-L. Garnier. Pernambuco, De Lailhacar.

## Indícios de leitura e leitores

Na década de 1840 a *Revue des Deux Mondes* publicou em suas páginas artigo do Sr. Chavagnesque teve grande repercussão em terras brasileiras, nos possibilitando zigzaguear entre o cá e o lá, entre leitura e leitores de maneira bastante profícua.

Sabe-se muito pouco a respeito de L. de Chavagnes, também conhecido por conde de Suzannet; as únicas informações conseguidas sobre ele foram redigidas de seu próprio punho e podem ser encontradas no prefácio de sua obra *Souvenirs de voyages. Les provinces du Caucase, l'Empire du Brésil*.

Desapontado com os resultados da Revolução de Julho, na França, que havia retirado do poder os Bourbons, e desgostoso da vida política francesa, decide deixar seu país natal para complementar seus conhecimentos por meio de visitas a países estrangeiros. Suas viagens duram seis anos. Nesse intervalo percorre regiões do Oriente, Cáucaso, Prata, México, América espanhola e portuguesa. Ao embarcar para as Américas, Suzannet irá ligar-se a uma missão governamental, abortada, no entanto, por Guizot, que atuaria no Paraguai.<sup>9</sup> Uma vez terminados os preparativos, decide embarcar em uma fragata do governo francês, a *Danaé*, rumo à região do Prata.

De volta à França, confessa ter escrito, às pressas, suas notas de viagens, muitas das quais foram publicadas por periódicos da época. Mais tarde, ao fazer uma revisão dessas anotações esparsas, percebe que as únicas que mereciam ser reeditadas em formato de volume eram as referentes ao Brasil e ao Cáucaso, não por acaso publicadas originalmente pela *Revue des Deux Mondes*.

Seus escritos sobre o Brasil são ríspidos, pois seu olhar passava pelo filtro da velha aristocracia, não conseguindo enxergar nosso país a não ser por meio de comparações com o grande centro civilizacional onde nascera.

Minha opinião é, com certeza, severa, mas imparcial. Procurei apoiar meus julgamentos em fatos. Meu trabalho, ainda que mais completo, continua sendo muito imperfeito; por isso, é somente a título de estudo e de simples informação que o submeto a meus leitores, esperando que, por falta de coisa melhor, acolherão com indulgência essas lembranças de viagens a países que merecem a atenção dos homens políticos.

Não tenho a pretensão de ter descrito [o Cáucaso] [e] o Brasil como o poderiam e deveriam. Sacrificando os detalhes por coisas de interesse mais geral, minha vontade foi, principalmente, a de fazer compreender e partilhar minhas impressões, mais do que divertir pela narrativa de incidentes de viagem. (Prefácio, 1846)

---

<sup>9</sup> Conhecida como Grande Guerra (1839-1851), envolveu Paraguai e Uruguai, além da intervenção da França, da Inglaterra e do Império Brasileiro. Foi assinado um “Tratado de 1840” que estabelecia as relações entre os Estados do Prata e destes com a Europa. A França procurava obter, por meio deste tratado, indenização para os franceses que haviam sofrido as crueldades de Rosas. Cf. Alfred de BROSSARD, 1850, p. 240 e ss.

Mas o orgulho brasileiro, a que Suzannet tanto faz referência ao longo de seu artigo, não deixa por menos. No mesmo ano de 1844 encontramos, na imprensa carioca, várias demonstrações de repúdio ao publicista. No *Diário do Rio de Janeiro* de 21 de setembro lemos, na sessão “Obras Publicadas”, o seguinte anúncio: “A *Minerva Braziliense* n. 22 publicou-se, contendo os seguintes interessantes artigos. A *Minerva* no seu 2º ano – o Brasil insultado pela *Revista dos Dois Mundos...*”, ou ainda na edição de 17 de outubro: “Publicou-se o n. 23 da *Minerva Braziliense* contendo os seguintes interessantes artigos: Economia política, pelo visconde de Cayrú; economia social; [...] um mui interessante artigo em resposta à *Revista dos Dois Mundos*, pelo Sr. Porto Alegre; outro sobre o mesmo assumpto pelo Sr. Emílio Adêt...”.

Carlos Emílio Adêt, como ficou conhecido em nossas terras, nasceu em Paris, em 1818, sendo transportado ao Brasil com nove anos de idade. Aqui começou seus estudos de humanidades, mas os concluiu em sua pátria. Voltou, no entanto, ao Rio de Janeiro, naturalizou-se cidadão brasileiro e dedicou-se às letras, ao jornalismo, foi revisor do *Jornal do Comércio*, de 1840 a 1843, e, ao mesmo tempo, lecionou, em vários colégios, geografia, história, grego e francês. Retorna à Paris em 1845, aí permanecendo até 1851, quando é convidado, pelo *Jornal do Comércio*, para fazer parte de sua redação. Durante esse período que residiu em França, foi correspondente político e literário de alguns órgãos da imprensa carioca e colaborou com periódicos franceses, dentre eles a *Revue des Deux Mondes*. Em 1867, foi nomeado diretor-gerente do *Jornal do Comércio*. Foi ainda membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional etc.. Regressa definitivamente a seu país natal em 1867, para melhor educar seus filhos. Logo após sua chegada é acometido de uma febre maléfica, falecendo dois dias depois.<sup>10</sup>

Manuel Araújo de Porto-alegre<sup>11</sup>, por sua vez, nasceu em Rio Pardo, RS, em 1806. Cursou a Academia de Belas Artes, onde foi aluno de Jean-Baptiste Debret com o qual viajou para Paris em 1831. Até 1836, viajou pela Europa – Itália, Bélgica, Suíça, Inglaterra e Portugal – estudando artes e voltou para o Brasil desenvolvendo atividades de arquiteto, professor de desenho, poeta, crítico e historiador da arte. Fez parte do grupo que fundou aquela que é considerada a primeira revista romântica, *Nitheroy*, juntamente com Golçalves de Magalhães e Torres Homem. Foi ainda membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e diretor da Imperial Academia de Belas Artes, entrou também na carreira política e foi vereador pelo Rio de Janeiro, além de ter sido diplomata brasileiro na Prússia.

O primeiro artigo referido acima, escrito por Araújo Porto-Alegre, comenta à exaustão o artigo de Suzannet, cada passagem, cada crítica, apontando seus excessos, suas inverossimilhanças. Note-se que Porto-alegre, discípulo e amigo de Debret, havia estado na França e em outros países europeus de 1831 a 1836. Intelectual e artista familiarizado com a cultura francesa, portanto, Porto-alegre aparecia aos leitores brasileiros como um autor bastante autorizado para contradizer e criticar o conde de Suzannet. O segundo artigo, escrito por Emile Adêt, volta-se ao leitor francês. Adêt afirma “Peço que se note que não escrevo para o Brasil, mas para o redactor [sic] da *Revista dos Dois Mundos*, e o autor do artigo sobre o Brasil”, e mostra sua intenção de ser acolhido pela *Revue des Deux Mondes* – o que acontecerá em 1851 quando é publicado *L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850* –, para assim poder escrever notas mais exatas sobre o país que recebeu tão bem o conde francês: “Tenho esperança de que em breve eu possa, Sr. Redactor [sic] da Revista,

<sup>10</sup> SILVA, I. F. 1870. t.9.; COUTINHO, A; SOUSA, J. G. (dir.), 1989.; SOBRINHO, J. F. V., 1937. TAUNAY, V. de. 1998, p. 9.

<sup>11</sup> Cf. <<http://www.ihgb.org.br/acervo311.php?f=ACP000043>> acesso em 30/07/2012.

communicar-vos [sic] pessoalmente algumas notas exactas [sic] sobre o Brasil tratadas mais philosophicamente [sic]. No entretanto, recomendai ao vosso novo collaborador [sic] o não pronunciar-se sobre o futuro, conhecendo tão mal o presente...” (ADÊT, 1844).

Ainda nesse ano, a sessão “Correspondência” do *Jornal do Commércio* publica duas cartas de L.B. (30/09/1844) e F. T. (04/10/1844) as quais passamos a citar na íntegra, aproveitando-nos de sua pequena extensão, contrariamente aos artigos da *Minerva Brasiliense*, mas que nos permitem ilustrar o caráter e o tom das respostas que obtiveram os artigos do conde de Suzannet:

Sr. Redator - Apenas tive occasião de entrever o lastimavel artigo de Chavagnes na *Revue des Deux Mondes*; e uma passagem, ao deitar os olhos sobre uma pagina do folheto, ferio-me profundamente não so nos meus sentimentos para com a França e o Brazil, mas na simples qualidade de homem. É a conta que o escrevinhador da aos seus leitores da hospitalidade brasileira, inferior, diz elle, em commodidade, ao trato das peiores hospedarias das aldêas da Europa.

Deixo de parte o que ha materialmente falso na comparação; e a mesma idéa da comparação quase me faz odiosa: pois ousa conferir o sentimento da hospitalidade com os calculos do lucro! Pouco sabe, elle mesquinho, o que fez, e talvez pouco se importe; mas o que fez? Tem posto em desconfiança os Brasileiros contra todos os hospedes que se apresentarem no futuro: serão temidos estes como enfatiados avaliadores do grão e qualidade da recepção que se lhes liberalisa. Pode ser que indivíduos de todas as outras nações tenham de sofrer pelos effeitos da ingratidão de um só, a não se encontrar agora dobrada nobreza nos corações brasileiros. O autor tem-se tornado criminoso de lesa-humanidade e digno do destino de Caim, ultrajando aquella grande imagem da *hospitalidade*, instino o da civilização, mas que diante a sciencia della se retira por uma dura necessidade, e cujos ultimos vestigios sobre a terra ser adorados como o derradeiro reflexo de uma apparição divina:

*Paulatim deinde ad superos Astroea recessit*

*Hac comite, atque duoe pariter fugere sorores.*

Homens de subido merecimento, o principe Puckler Muskau e Victor Jacquemont, tem-se feito réos do mesmo grande defeito. O bom acolhimento que o primeiro recebeu na Inglaterra, e o segundo na India, forao origem de indiscretas revelações que no porvir conservarão muitas casas fechadas aos peregrinantes. Não sei o que póde justificar ou explicar o procedimento do principe; quanto a Jacquemont, evidente é que houve mais infelicidade que culpa no seu caso. Escrevia aos seus parentes sem ideia alguma de publicidade possivel. Uma falsa vaidade, ou talvez uma especulação vulgar depois da sua morte fez a Europa e o mundo sciente de enfermidades secretas da propria família interessada. Coraria o Jacquemont ao ver como se aproveitou a sua confidencia intima; e entre outras muitas razões de tristeza, sentiria, pelo que toca ao Brazil, na sua correspondência, o ter contribuido involuntariamente para dar alguma fixidade a momentânea expressão das irritações exageradas de uma época infeliz (1828), a respeito de um príncipe cujo fim heróico tem merecido as eternas sympathias de todos os corações generosos.

F. T. (30/09/1844)

Sr. Redator - Se os viajantes que deixão sua patria para visitar os paizes estrangeiros não esquecessem tão facilmente que, tanto no seu paiz como fora d'elle, ha sempre o mesmo bem e mal, elles julgarão com mais indulgencia as populações onde recebem a hospitalidade.

Por que motivo o Sr. de Chavagnes quer que os Brasileiros não tenham tambem seu amor proprio? Seu paiz não encerra em si bastantes e bellas preciosidades para

que elles tenham o direito de ensoberbecer-se? Qual é o paiz da América do Sul que seja mais adiantado em civilização? Qual é mesmo a cidade da Europa onde em proporções iguaes a policia seja mais bem organizada do que aqui, e as formas sejam menos incommodas, tanto para os cidadãos como para os estrangeiros, e onde a circulação de uma população numerosa occasiona menos accidentes? Tenho tido occasião de assistir a algumas festas nacionaes do Rio de Janeiro, e asseguro-lhe que eu ficava sempre admirado do respeito mutuo com o qual esta população, consideravelmente augmentada pelos habitantes das provincias, girava nestes dias pelas ruas desta capital, e não será justo acrescentar que de noite se viaja com a mais completa segurança pelos arredores, o que talvez não acontece pelos suburbios de Londres ou Paris? Em toda a parte as formalidades da alfandega são aborrecidas para as pessoas que viajam; estas formalidades não existem tambem em todos os portos de França? Assim que se chega a Paris, os empregados de l'*Octroi* não fazem a busca mais inexoravel, quebrando muitas vezes os bahús e as caixas? O desagradavel acontecimento do Sr. barão de Langsdorff não foi mais do que um equívoco da parte de um simples guarda da alfandega, e não causado por parte de algum empregado superior. Se o Sr. Chavagnes tivesse tido a honra de ser convidado ás festas imperiaes, teria observado que, não obstante os costumes simples da côrte do Brazil, ellas são perfeitamente dirigidas, e teria visto tambem que, apesar de Suas Altezas Imperiaes, até certa idade, não dansarem senão com pessoas de ser sexo, comtudo possuem as mesmas graças como se vivessem no meio de uma côrte mais numerosa e animada.

O Sr. de Chavagnes critica as senhoras brazileiras com demasiada severidade, fala como quem não foi acolhido [ilegível] elle teria visto excellentes mais de familia entretidas em occupações que reclamão muitas vezes a sem-ceremonia do trajar, que elle tanto reprova, e que o calor do clima desculpa. Ahi veria que as Brazileiras nunca recusão de tomar conta de pobres orphãs abandonadas, a quem ellas dão os mesmos cuidados que a seus proprios filhos; sem duvida então teria comprehendido que, se as senhoras brazileiras deixão ainda alguma cousa a desejar pelo lado de uma educação para a qual não havia até agora os mesmos recursos que na Europa, ellas são comtudo dotadas de todas as qualidades do coração.

É muito desairoso dizer o Sr. de Chavagnes que a menor estalagem das aldêas francezas é preferivel á hospitalidade que se recebe em casa de um Brazileiro abastado: essas estalagens são muitas vezes asquerosas, e não tem outro attractivo para o viajante do que a liberdade que pode gozar, e a não ser obrigado a usar de cerimonia, o que parece agradar muito ao Sr. de Chavagnes. Viajei por differentes sitios distantes uns dos outros na provincia do Rio de Janeiro, sem ou com cartas de recommendação, e posso asseverar-lhe, Sr. Redactor, que conservo sentimentos de verdadeira gratidão pelo bom agasalho que recebi em differentes casas, segundo a maior ou menor fortuna de cada uma; não pude deixar de admirar o desinteresse de pobres pessoas a quem o tempo caloroso me obrigava muitas vezes a pedir algum refresco. Não é tão natural que proprietarios que vivem todo o anno nas suas terras e que não são obrigados a representarem, se contentem de vestuarios simples, e mesmo ordinarios? Assim erão os patriarchas, e taes são ainda muitos fidalgos na Europa, nos seus antigos castellos.

O Sr. de Chavagnes julgou Sua Magestade o Imperador do Brazil com uma precipitação e ligeireza da qual elle se deveria ter abtido por respeito pelas qualidades moraes tão notaveis deste illustre ramo da casa de Bragança, e por consideração pela idade deste jovem principe, que, tendo nessa época dezesseis annos, não podia possuir já todos estes conhecimentos politicos que se adquirem somente pela experiencia.

Se entre os homens de estado alguns ha, como pretende o Sr. de Chavagnes, que sejam inferiores á sua posição, é incontestável tambem que a maior parte delles tem summa capacidade, e procurão, pela assiduidade continua de seus trabalhos, conhecer as necessidades de seu paiz, do qual a immensa extensão faz mais difficil a prompta administração.

Se o governo constitucional do Brazil está ainda na sua infância, não se deve pois admirar que ministros, senadores, deputados, caminhem algumas vezes hesitando, e commettão erros na direcção que querem dar ao governo.

Na qualidade de Francez, o Sr. de Chavagnes devia ser mais indulgente, porque, desde que a França é governada constitucionalmente, os erros e hesitações não tem faltado. É preciso confessar que se os Brasileiros muitas vezes por experiência sentem alguma repulsão para com os estrangeiros, é porque elle tem sido enganados, e tem motivos de queixas; porque, desejando auxiliar a introducção de novas industrias, quasi sempre tiverão a infelicidade de cahirem em mãos de pessoas que promettião ensinarem o que não sabião, e que não davão o competente destino as quantias que lhes erão confiadas.

O Sr. de Chavagnes, fallando do clero, devia accrescentar, para render homenagem a verdade, que o clero contem em seu seio homens distinctos tanto por suas virtudes, como que pela sua sabedoria: bem se vê que este jovem viajante julgou o Brazil mais pelo que lhe disserão do que pelo que vio; por isso nada ha que admirar não só que elle fizesse esta omissão, como outras muitas.

Comtudo, como no seu trabalho não indica qual a fonte donde obteve tão erroneas informações, não posso desculpar as interpretações dos artigos do *Mercantil*, e me parece muito injusto que este autor se entregasse, sobre simples suspeitas, a personalidades que me abstenho de qualificar; ao mesmo tempo que aproveita a occasião de ultrajar a nação franceza, para desaffrontar o Brazil de um artigo escripto por um jovem estouvado.

Espero, Sr. Redactor, que se dignará acolher estas minhas reflexões, e de as inserir em um dos próximos numeros do seu estimavel *Jornal*.

L.B. (04/10/1844)<sup>12</sup>

Tais manifestações de leitores brasileiros são importantes registros não só da leitura do periódico, mas também do seu papel na discussão sobre a questão nacional. Observa-se que nos anos 1840, o Brasil e os governos imperiais são criticados por toda a Europa por causa de sua tolerância ou apoio ao tráfico negreiro, considerado então um ato de pirataria internacional. Neste contexto, as elites intelectuais do Rio de Janeiro procuram refletir sobre a identidade nacional, buscando articular a atualidade do país à sociedade ocidental europeia, às grandes nações civilizadas

O parágrafo de abertura de *Le Brésil en 1844: situation morale, politique, commerciale et financière*, enuncia os elementos da narrativa, travando, ao mesmo tempo, um diálogo com textos anteriormente impressos pela *Revue*.

Não é fácil adquirir um conhecimento exato e completo sobre o estado do Brasil. Para estudar o país e os habitantes, não é suficiente uma estadia, mesmo que prolongada, nas principais cidades: é necessário se embrenhar no interior das terras, onde penetrou pouco a influência europeia; é ali que aprendemos a conhecer a população, e é ali também que nos damos conta dos vários e diversos obstáculos que impedem, nesse império, o desenvolvimento da prosperidade material e da civilização... (07/1844, p. 66)

Nesse sentido, o desbravamento do interior, ainda não contaminado pela influência europeia, é condição *sine qua non* para se alcançar o cerne do que é o Brasil em 1844, avaliar seu estágio de civilização e suas possibilidades de pertencer ao grupo das grandes nações.

---

<sup>12</sup>Mantivemos grafia original.

Sabe-se que o autor deixou a região do Prata, em novembro de 1842, para aportar, oito dias depois, em terras brasileiras; então, além de seu *savoir-faire/ know-how* europeu, possuía também conhecimento da América espanhola. Ao chegar à baía da Guanabara, ao tão aclamado gigante adormecido, o esplendor da paisagem não consegue cativá-lo, esvaindo, dessa forma, suas expectativas com relação a ela.

Em texto mais ameno, lembrado por Maria Helena Rouanet (1991), o cônego Fernandes Pinheiro (1859) atribuía idêntico sentimento aos franceses da expedição Villegagnon: "Chegaram os franceses e o majestoso panorama da nossa baía não lhes causou a impressão que se deveria esperar. Comparam-na com o lago de Genebra, mesquinho paradigma para essa grande enseada" (p. 125).

Se sua primeira impressão não é das mais favoráveis, a natureza não deixa de impressioná-lo, principalmente aquela natureza domesticada, organizada, que deixou de ser selvagem e que é, sobretudo, útil (07/1844, p. 70).

Os brasileiros, por sua vez, não são benquistos pelo autor, como mostrou F.T. em sua carta, principalmente por serem assaz orgulhosos. Segundo L. de Chavagnes, esse povo acreditava ser o de maior potencial dentre os americanos. É verdade que os recursos naturais e minerais eram incomensuráveis, mas de que serviam se não eram explorados nem pelos da terra nem pelos forasteiros, rechaçados, acusados de enriquecerem às custas dos desfavorecidos.

As mulheres, reguladoras da sociedade em outras paragens, viviam, em grande parte das províncias brasileiras, escondidas, fosse devido ao ciúme por parte dos maridos, ou por resquícios dos antigos costumes portugueses. Nas raras ocasiões em que eram vistas, festejos e missas, exibiam sua falta de graça e mau-gosto. Segundo L.B., em carta supracitada, "se as senhoras brasileiras deixão [sic] ainda alguma cousa a desejar pelo lado de uma educação para a qual não havia até agora os mesmos recursos que na Europa, ellas são comtudo [sic] dotadas de todas as qualidades do coração".

Porto-alegre, em seu minucioso artigo-resposta publicado na *Minerva Brasiliense*, desconstrói a crítica feita às mulheres brasileiras trazendo a lume as características, pouco jeitosas, da mulher francesa. Sua argumentação, que se estende por toda uma página, começa da seguinte maneira:

Deverão as mulheres no Brasil serem como bonecas de cera dos cabellereiros que se enfeitam para se exporem, ou rodarem n'hum pião dia e noite, e serem vistas de todos os passantes! E o que he no interior de sua casa uma senhora franceza antes do meio dia, antes que toda a gordura postiça seja desengavetada, que os dentes e marrafas sejam colocados, e que se prepare para receber, conforme o estylo do paiz, as visitas?... (1843, p. 714)<sup>13</sup>

O conde de Suzannet fazia a distinção entre várias "raças": os portugueses *créoles*, nascidos no país, considerados brasileiros propriamente ditos; os mestiços de branco e negro, ou mulatos; os mestiços de branco e índio, cabras; os negros da África e os indígenas, que se subdividiam, por sua vez, em diversas tribos. Dessas raças, o mulato era o que merecia maior destaque. Se, por um lado, sua inteligência e destreza no trabalho eram enaltecidas, por outro, era considerado fruto da falta de moral da sociedade, abandonada às suas paixões libertinas e a seus instintos selvagens (07/1844, p. 92-93).

---

<sup>13</sup>Mantivemos grafia original.

Faz uma crítica ao sistema de governo da época, incapaz de frear o avanço de uma raça mestiça, inculcar bons princípios morais a seus cidadãos e impor a ordem. Apesar de partidário do regime dos Bourbons, o Sr. de Chavagnes faz críticas pesadas ao imperador Dom Pedro II. De acordo com o autor, o Brasil só não se perdeu na mais completa anarquia por causa da riqueza de suas minas e da fertilidade de seu solo e não devido a seus governantes, os quais são: um imperador inexperiente e ministros ambiciosos.<sup>14</sup>

Segundo L.B., o Imperador foi julgado com ligeireza e precipitação, não levando em consideração sua pouca idade à época. No que tange aos homens de estado, ainda de acordo com este autor, a maior parte deles era de suma capacidade.

José Murilo de Carvalho, em sua obra *D. Pedro II* (2007), retoma as críticas feitas ao imperador pelo conde de Suzannet e salienta que os primeiros anos do Segundo Reinado foram necessariamente de muita insegurança para o jovem e inexperiente governante, que tinha de lidar com políticos calejados. Diplomatas que o visitaram nesse período registraram sua timidez, seu laconismo, seu quase-enfado.<sup>15</sup>

Essa crítica ao imperador D. Pedro II, pouco usual dentre os publicistas da *Revue*, relaciona-se a um ponto constantemente retomado pelos mesmos, a saber, a imperfeição do sistema agrícola vigente. Se o brasileiro permitisse aos europeus – leia-se aos franceses – que lhe ensinassem novas técnicas de cultivo, novas formas de exploração do solo, não precisariam viver na penúria, faltando-lhe o básico para a sobrevivência. E se, além disso, intensificassem as trocas comerciais, autorizando a navegação de seus rios por outras nações, novos elementos de civilização seriam introduzidos e, dessa forma, vingaria aqui a ordem e a prosperidade.

Nem só críticas recebeu o artigo de Chavagnes. Porto-alegre, ao abordar essa questão do desenvolvimento agrícola no Brasil, concorda com o viajante e diz que providências a respeito têm que ser tomadas pelo governo: “Sobre o que diz o atraso da agricultura, dos cortes das matas ou rossados [sic] para plantações he [sic] tudo verdade; e não há Brasileiro sensato que o não pense: pertence ao nosso governo tomar quanto antes medidas enérgicas sobre hum objecto [sic] de tanta monta.” (p. 717)

Nesse sentido, percebe-se que as opiniões expostas sobre o Brasil nos artigos de L. de Chavagnes, apesar de escritas de maneira mais rude, não se distanciam muito daquilo que foi apresentado por outros publicistas, a não ser pelo fato que nele não se observa uma valorização expressiva da figura que encarna o poder. Talvez sua grande repercussão em território nacional, como vimos, à guisa de exemplo da disseminação desta revista em terras brasileiras, se deva justamente a isso: independente de Portugal desde 1822, governado por um brasileiro, Dom Pedro II, o Brasil, na óptica do autor, continuava o mesmo, um pouco mais desmatado, um pouco mais pobre em minérios, mas o mesmo!

Presente, portanto, em terras brasileiras, circulando entre leitores e leitoras, a *Revue* e o *Annuaire des Deux Mondes* tiveram papel importante na formação intelectual das elites brasileiras, principalmente na Corte. Nos debates suscitados pela sua leitura, perfilha-se a identidade nacional brasileira difundida entre governantes, intelectuais e literatos, preocupados com a inserção do país no concerto das nações dominado pela Europa ocidental.

---

<sup>14</sup> SUZANNET, 1844, p. 88-89. Neste ponto, o autor vai ao encontro das ideias expostas, sobretudo, no artigo de Saint-Hilaire, publicado em 1831 na *Revue des Deux Mondes*.

<sup>15</sup> Cf. pp. 35-45.

## REFERÊNCIAS

- ADET, É. "Resposta ao artigo da *Revista dos Dois Mundo*, intitulado – Do Brasil em 1844; situação moral, política, comercial e financeira". In: *Minerva Brasiliense*. vol. II, nº. 23, 1844. p. 719-725.
- ANNUAIRE des Deux Mondes*. Paris : Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1850 a 1865.
- BELLUZZO, A. M. M. (1999). *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros.
- BROSSARD, A.. *Considérations historiques et politiques sur les Républiques de la Plata dans leur rapports avec la France et l'Angleterre*. Paris: Librairie de Guillaumin et cie., 1850.
- BRZOSOWSKI, J.. *Rêve exotique. Images du Brésil dans la littérature française. 1822-1888*. Cracóvia: Editions Abrys, 2001.
- CAMARGO, K. A. F. *A Revue des Deux Mondes: uma intermediária entre dois mundos*. Natal: EdUFRN, 2007. Ou <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/123456789/11847>
- CARELLI, M. *Cultures croisées/Histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil, de la découverte aux temps modernes*. Paris: Nathan, 1993.
- CARVALHO, J. M. D. *Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COSTA, E. V. da. "Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX". In: *Revista de História*, nº 16, p. 317-342, 1953.
- CRUZ LIMA, J. D. da. *Réponse à un article de la Revue des Deux Mondes sur la guerre du Brésil et du Paraguay*. Rio de Janeiro: Imprimerie Universelle de Laemmert, 1869.
- LAMBERT, M.. " L' illustration dans les contrefaçon belges. Une approche systémique". *Image & Narrative*. (2003) Disponível em: <http://www.imageandnarrative.be/inarchive/graphicnovel/marijlambert.htm> (acesso em 24/09/2011).
- LOUE, T. *La Revue des Deux Mondes de Buloz à Brunetière. De la belle époque de la Revue à la Revue de la Belle Époque*. Lille: Atelier National de Reproduction des Thèses, 1998.
- NAXARA, M. R. C. *Cientificismo e sensibilidade romântica*. Brasília: Ed. UnB, 2004.
- PORTO-ALEGRE, A. "Huma palavra acerca do artigo do Sr. Chavagnes intitulado *O Brasil em 1844*". In: *Minerva Brasiliense*. vol. II, nº. 23, p. 711-719, 1844.
- SCHWARCZ, L. M. *O Espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SÜSSEKIND, F. *O Brasil não é longe daqui. O narrador; a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SUZANNET, Cte. "Le Brésil en 1844: situation morale, politique, commerciale et financière". *Revue des Deux Mondes*. Paris, 1844..
- SUZANNET, Cte. *Souvenirs de voyages. Les provinces du Caucase, l'Empire du Brésil*. Paris: G.-A. Dentu, Imprimeur Libraire, 1846.

SUZANNET, Cte. *O Brasil em 1845*. Trad. Márcia de Moura Castro. Rio de Janeiro: Liv. Ed. da Casa do Estudante Brasileiro, 1954.

**Sites Consultados:**

<<http://www.revuedesdeuxmondes.fr>>

<<http://www.gallica.bnf.fr>>

<<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k205365n.r=.langFR>>

<<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k205362h/f1390.image.r=%22Charles+de+MAZADE%22.langFR>>

<<http://www.ihgb.org.br/acervo311.php?f=ACP000043>>

RECEBIDO EM 08.04.2015

APROVADO EM 30.04.2015